

**OS LIMITES EPISTEMOLÓGICOS DA ARTICULAÇÃO ENTRE PSICANÁLISE E  
MARXISMO: CONSIDERAÇÕES EM DEFESA DE UMA PSICOLOGIA MATERIALISTA  
HISTÓRICO-DIALÉTICA**

**LOS LÍMITES EPISTEMOLÓGICOS DE LA ARTICULACIÓN ENTRE PSICOANÁLISIS Y  
MARXISMO: CONSIDERACIONES EN DEFENSA DE UNA PSICOLOGÍA  
MATERIALISTA HISTÓRICO-DIALÉTICA**

**THE EPISTEMOLOGICAL LIMITS OF THE ARTICULATION BETWEEN  
PSYCHOANALYSIS AND MARXISM: CONSIDERATIONS IN DEFENSE OF A  
HISTORICAL-DIALECTIC MATERIALIST PSYCHOLOGY**

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v15i1.53010>

Larissa Bulhões<sup>1</sup>

Márcio Magalhães da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** no presente texto buscamos refletir sobre as articulações entre marxismo e psicanálise, comuns na atualidade, apontando os fundamentos do pensamento marxiano que revelam os limites e a insuficiência da psicanálise para a compreensão da subjetividade humana, o que redundava na interpretação das contradições do capital como próprias à natureza humana. Concluímos que a psicanálise, ainda que possa ter contribuído historicamente para o pensamento crítico do campo marxista, deve ser superada em prol do desenvolvimento de uma teoria psicológica alternativa, alicerçada no materialismo histórico-dialético, dando sequência ao trabalho iniciado por L. S. Vigotski nas décadas de 1920-1930, no contexto revolucionário da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

**Palavras-chave:** Marxismo. Psicanálise. Psicologia. Revolução. Socialismo.

**Resumen:** en este texto buscamos reflexionar sobre las articulaciones entre marxismo y psicoanálisis, que son comunes hoy, señalando los fundamentos del pensamiento marxista que revelan los límites y la insuficiencia del psicoanálisis para comprender la subjetividad humana, lo que resulta en la interpretación de las contradicciones del capital como inherentes a la naturaleza humana. Concluimos que el psicoanálisis, si bien históricamente pudo haber contribuido al pensamiento crítico del campo marxista, debe ser superado en favor del desarrollo de una teoría psicológica alternativa, basada en el materialismo histórico-dialéctico, continuando el trabajo iniciado por L. S. Vigotski en las décadas de 1920-1930, en el contexto revolucionario de la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

**Palabras clave:** Marxismo. Psicoanálisis. Psicología. Revolución. Socialismo.

**Abstract:** in this text, we seek to reflect on the articulations between Marxism and psychoanalysis, which are common today, pointing out the foundations of Marxian thought that reveal the limits and insufficiency of psychoanalysis for understanding human subjectivity, which results in the interpretation of the contradictions of capital as inherent to human nature. We conclude that psychoanalysis, even though it may have historically contributed to the critical thinking of the Marxist field, must be overcome in favor of the development of an alternative psychological theory, based on historical-dialectical materialism, continuing the work started by L. S. Vigotski in the 1920-1930 decades, in the revolutionary context of the Union of Soviet Socialist Republics (USSR).

**Keywords:** Marxism. Psychoanalysis. Psychology. Revolution. Socialism.

## Introdução

A discussão que ora se apresenta foi motivada pelo lançamento recente do livro “Marxismo, psicanálise e revolução” (DUNKER et al., 2022) pela editora Lavrapalavra. Nesse livro, diversos pensadores e pensadoras marxistas e/ou psicanalistas apresentam suas reflexões sobre as intersecções entre marxismo e psicanálise, com o propósito de avançar na realização da nossa mais urgente tarefa histórica, a revolução socialista no Brasil. Tendo em vista a atualidade da discussão, e sem deixar de reconhecer a importância e a validade de muitos trabalhos pautados pela aproximação entre esses dois campos teóricos, temos como objetivo contribuir com o debate histórico sobre os entraves epistemológicos que se apresentam na articulação entre a psicanálise e a concepção materialista histórico-dialética de sociedade, debate o qual vem sendo travado há quase um século por pensadores e pensadoras marxistas (COUTINHO, 2010; KONDER, 2020; POLITZER, 2022; SÈVE et al., 1975; STOLIAROV, 1984).

É importante assinalar que a contenda histórica referente à vinculação entre a filosofia marxista e a psicanálise perpassa tanto a compreensão desta última como uma teoria cujos pressupostos esvaziariam o marxismo “do seu caráter materialista e revolucionário” (POLITZER, 2022, p. 311; STOLIAROV, 1984), quanto o movimento, inaugurado a partir de 1920 no contexto revolucionário da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que se propôs a construir a ciência psicológica dentro dos preceitos do materialismo histórico-dialético (VIGOTSKI, 1991). Desse movimento, redundou a construção da psicologia histórico-cultural, teoria psicológica a qual se propôs a superar os limites atomísticos da lógica formal burguesa por meio da compreensão dos processos psíquicos em consonância com os fundamentos do método marxiano (VIGOTSKI, 1995; 2012).

Não obstante a existência de uma teoria psicológica marxista, as vinculações entre psicanálise e marxismo se apoiam, em grande medida, no entendimento de que a psicanálise se constitui como uma teoria psicológica complementar ao pensamento marxista, sob a justificativa de que este carece de uma sistematização teórica voltada para o estudo da subjetividade (DUNKER et al., 2022). Contudo, tendo em vista a disparidade dos pressupostos epistemológicos que embasam essas duas teorias, faz-se necessária a tarefa de analisar cuidadosamente as possibilidades e limites desta articulação. Para contribuir com essa empreitada, discorreremos sobre os princípios teóricos e metodológicos do pensamento marxiano que reiteram a objeção histórica à adesão dos pensadores e pensadoras marxistas à teoria psicanalítica. Assim, visamos demonstrar que a psicanálise, apesar de fornecer explicações admissíveis para a compreensão da subjetividade humana na aparência da sociedade burguesa, apresenta, sobretudo, limites que podem e devem ser superados pela adoção, no campo do pensamento marxista, de uma teoria psicológica cuja concepção de ser humano e de sociedade esteja em conformidade com o materialismo histórico-dialético.

Destarte, nossas considerações têm como premissa o fato de que uma teoria psicológica a qual se articule com o marxismo não pode prescindir da compreensão histórica da consciência humana – o que implica, necessariamente, a análise materialista histórico-dialética da sociedade na qual se constrói a consciência, bem como o reconhecimento do seu potencial de transformar radicalmente as próprias condições objetivas que a forjaram. Apresentada essa argumentação, discorreremos sobre os limites

epistemológicos da psicanálise para cumprir a premissa anunciada, apoiando-nos, conjuntamente, na crítica politzeriana e vigotskiana à psicologia burguesa. Nesse sentido, o texto apresenta uma reflexão sobre a insuficiência dos pressupostos da psicanálise para compreender a construção da subjetividade no modo de produção vigente, o que redundará na interpretação das contradições do capital como próprias à natureza humana.

### ***A compreensão histórica da consciência na teoria marxiana***

Na “Ideologia alemã”, Marx e Engels (2007, p. 35-36) já afirmavam que a consciência “é um produto social e continuará sendo enquanto existirem homens”. Portanto, uma teoria da subjetividade alicerçada no materialismo histórico-dialético não pode abster-se da compreensão das bases materiais as quais delineiam os pressupostos históricos, sociais, culturais e econômicos que determinam a consciência humana e que, em uma relação dialética, são determinados por ela.

À luz dessa consideração inicial, é fundamental recuperarmos as bases do método marxiano, nas quais o autor apoia sua crítica à sociedade burguesa. Quando, nas “Glosas marginais”, Marx (2020, p. 61) afirma que seu “método analítico parte não do ser humano, mas do período da sociedade economicamente dado”, evidencia-se uma premissa fundamental do materialismo histórico-dialético, a qual consiste na compreensão dos fenômenos como produtos das relações históricas em que se inserem, em oposição a formulações gerais que perdem de vista as múltiplas determinações que os constituem. Assim como as categorias trabalho, mercadoria e modo de produção não podem ser reduzidas a abstrações válidas para toda e qualquer época (MARX, 2011), não é possível uma compreensão abstrata e não-histórica do ser humano.

Para além de um estudo sobre categorias econômicas, a teoria marxiana aborda o modo como as relações sociais são submetidas pela forma social da mercadoria – a qual sintetiza a objetivação elementar da riqueza e da sociabilidade na sociedade capitalista. A compreensão materialista histórico-dialética das formas socioeconômicas revela a submissão dos modos de ser e agir no mundo ao capital como relação social dominante. Ou seja, o modo de produção capitalista impõe uma nova forma de sociabilidade, a qual sujeita as pessoas a se movimentarem em função da contínua valorização do valor. Contudo, a imposição desse movimento está oculta na superfície da sociedade burguesa.

Por conta de sua essência contraditória, o modo de produção capitalista precisa assumir uma aparência mistificada e invertida que se configura no único meio pelo qual suas categorias econômicas podem se mover. Na aparência da sociedade burguesa as coisas se sobrepõem e determinam as relações interpessoais. Este “mundo encantado e distorcido” (MARX, 2017b, p. 889) do capital é a materialidade na qual construímos nossa subjetividade. Antever o impacto que esta materialidade invertida tem na construção da consciência se mostra fundamental para não reproduzirmos uma compreensão fetichizada de sujeito. Portanto, exporemos a seguir os antagonismos insolúveis do modo de produção capitalista e sua repercussão na maneira como a vida se organiza na superfície da sociedade burguesa.

### ***O capital como “contradição em processo”***

Desde a dedução categorial da forma social da mercadoria, no âmbito do capital em geral, Marx revela que as contradições essenciais que sustentam e negam o modo de produção capitalista não se resolvem, elas se ocultam provisoriamente ao se exteriorizarem em relações categoriais progressivamente mais complexas, de modo a realizarem a finalidade última do capital de acumular valor. Portanto, o caráter irresoluto das contradições no sistema capitalista é o que garante o vínculo interno entre as categorias econômicas, as quais assumem uma dada forma historicamente determinada pelas relações sociais de produção burguesas (PINHEIRO, 2020).

Neste ínterim, a contradição intrínseca à mercadoria singular transfere-se para as demais categorias envolvidas nas relações de troca pautadas pelo acúmulo de valor. É por meio do movimento de revelar os antagonismos intrínsecos às formas históricas assumidas pelas categorias econômicas na sociedade burguesa que a dedução categorial marxiana desdobra a forma-mercadoria em forma-dinheiro e revela que o valor as submete a momento do processo de autovalorização do capital. Nas palavras de Marx: “O valor passa constantemente de uma forma a outra, sem se perder neste movimento, e, com isso, transforma-se no *sujeito automático* do processo [de autovalorização do capital]” (MARX, 2017a, p. 229-230, grifo nosso).

Contudo, para afirmar-se como sujeito do processo de valorização do valor, o capital precisa esconder os vestígios que contrariam esta premissa e que, portanto, revelam sua natureza usurpadora. Usurpadora porque o capital não é, de fato, o sujeito do processo de sua produção e valorização. Ele assume a aparência de protagonista da produção da riqueza humana ao destituir o trabalhador e a trabalhadora das possibilidades de controle do processo produtivo. Marx evidencia esta lógica invertida como inerente ao modo de produção burguês: “transformado num autômato, o próprio meio de trabalho se confronta, durante o processo de trabalho, com o trabalhador como capital, como trabalho morto a dominar e sugar a força de trabalho viva” (MARX, 2017a, p. 495). Portanto, as formas de fetichização do modo de produção capitalista se potencializam na contradição entre capital e trabalho. Para ser reduzido a momento do capital, o trabalho precisa ser

[...] *concebido negativamente* (no entanto objetivo; o próprio não objetivo em forma objetiva). Enquanto tal, o trabalho é não matéria-prima, não instrumento de trabalho, não produto bruto: trabalho separado de todos os meios e objetos de trabalho, separado de toda sua objetividade. O trabalho vivo existindo como abstração desses momentos de sua real efetividade (igualmente não valor): esse completo desnudamento do trabalho, existência puramente subjetiva, desprovida de toda objetividade. O trabalho como a *pobreza absoluta*: a pobreza não como falta, mas como completa exclusão da riqueza objetiva (MARX, 2011, p. 229-230, grifos do autor).

O capital apreende negativamente o trabalho como “completa exclusão da riqueza objetiva” para consolidar-se como o aparente sujeito da valorização do valor. Por isso, na mesma passagem, Marx (2011, p. 229, grifos do autor) afirma como lei necessária “*a separação da propriedade do trabalho*”, da qual depende a definição formal do trabalho como “pobreza absoluta”, ainda que ele seja o verdadeiro determinante da produção da riqueza e da mensuração do próprio capital. Contudo, esta definição coexiste com seu exato contrário. Avançando no desenvolvimento dos antagonismos intrínsecos à forma histórica que as categorias assumem na sociedade burguesa, o autor afirma que, na mesma medida, o trabalho “representa a

possibilidade universal da riqueza como sujeito e como atividade” (MARX, 2011, p. 230), representação concomitante à proposição de ter a pobreza absoluta como objeto.

De acordo com o autor, “essas proposições inteiramente contraditórias condicionam-se mutuamente e resultam da essência do trabalho, pois é pressuposto pelo capital como antítese, como existência antitética do capital e, de outro lado, por sua vez, pressupõe o capital” (MARX, 2011, p. 230). Destarte, Marx revela a natureza antagonista da relação entre capital e trabalho: o capital depende da força de trabalho para realizar sua finalidade de valorização do valor e precisa, portanto, incluí-lo como momento essencial de sua totalidade; por outro lado, deve excluí-lo e negá-lo enquanto a verdadeira fonte de produção de toda a riqueza e, da mesma forma, enquanto a medida de sua contínua valorização (GRESPLAN, 2012).

A coexistência destas tendências opostas, oriundas da pretensão do capital em tornar-se sujeito de sua própria valorização e mensuração, evidencia que “o próprio capital é a contradição em processo, pelo fato de que procura reduzir o tempo de trabalho a um mínimo, ao mesmo tempo que, por outro lado, põe o tempo de trabalho como única medida e fonte de riqueza” (MARX, 2011, p. 588).

Neste sentido, o capital é “a contradição em processo” porque sua realização se sustenta na contínua coexistência de movimentos opostos: ele é valor que se valoriza e reduz a própria substância geradora de valor. Assume a aparência autônoma no processo produtivo e é totalmente dependente da força de trabalho. Exclui do trabalho o acesso à riqueza por ele produzida e o inclui como pobreza absoluta. Seu processo de criação pressupõe a destruição dos recursos naturais dos quais depende sua própria existência. O movimento das forças produtivas que se forjam no seu interior realiza tanto sua definição de valor que se valoriza como sua tendência à desvalorização (GRESPLAN, 2012).

Estas contradições, as quais revelam que o capital mantém sua dominação apenas pela relação vampiresca que estabelece com o trabalho (MARX, 2017a), precisam ser ocultadas na superfície imediata da organização social capitalista, dado que são elas que evidenciam o caráter histórico e, em última instância, transitório deste modo de produção. Portanto, o materialismo histórico-dialético evidencia a fragilidade das contradições que sustentam a sociedade burguesa, a qual tende a se movimentar na direção de sua autodestruição, uma vez que o potencial de superação de seus pressupostos se forja no interior de seu próprio funcionamento.

### ***A consciência distorcida pelo mundo encantado e invertido do capital***

O aparente equilíbrio entre as forças produtivas e as relações sociais de produção só se sustenta porque na superfície da sociedade burguesa ignoram-se “os fios invisíveis que o capital tece no processo” (MARX, 2011, p. 237). Neste sentido, a aparência da sociedade burguesa precisa se apresentar de forma mistificada e invertida. A dominação do capital depende de processos que impeçam a consciência plena de seus agentes sobre o lugar que ocupam nas relações sociais. Anuviados pelo mundo místico da mercadoria, “seu próprio movimento social possui, para eles, a forma de um movimento de coisas sob cujo controle se encontram, em vez de eles as controlarem” (MARX, 2017b, p. 150).

Por conta do caráter segmentado da produção da vida material pautada na apropriação privada dos meios de produção, as relações de produção se autonomizam do controle e da ação volitiva daqueles e daquelas que deveriam protagonizá-las. Deste modo, atribui-se à mercadoria as características sociais do trabalho humano e, neste processo, a atividade humana específica mediante a qual as objetivações humano-genéricas são erigidas é convertida em propriedade de um ente externo. Da mesma forma, na autonomização da forma-dinheiro o capital assume a aparência de conter e criar toda a riqueza social, de modo a apagar o papel decisivo da atividade humana nas relações sociais de produção que ele, por sua natureza espoliadora, comanda.

Contudo, estas inversões entre coisas e relações não são meras ilusões, uma vez que encontram respaldo na superfície das práticas sociais (GRESPLAN, 2019). O trabalho livre por contrato esconde a escravidão assalariada da classe trabalhadora. A igualdade jurídica burguesa oculta sua essência pautada na profunda desigualdade econômica. A naturalização da apropriação privada dos meios de produção nubla sua origem violenta e saqueadora. Ademais, ainda que o controle do capital sobre a consciência não seja absoluto, “os indivíduos que compõem a classe dominante [...] regulam a produção e a distribuição das ideias de seu tempo” (MARX; ENGELS, 2007, p. 47).

Nesse sentido, a classe dominante constrói consensos os quais universalizam sua visão de mundo e reforçam as inversões necessárias para que as relações de exploração inerentes ao capital se perpetuem por meio de seu ocultamento. Normaliza-se a ideia de que a “economia” deve ser salva às custas da vida das pessoas (que trabalham), ao mesmo tempo em que a defesa dos privilégios da classe dominante é camuflada nas oscilações do “mercado” – o qual assume características humanas. O discurso meritocrático burguês mascara as opressões de gênero, raça e classe que alicerçam a ordem social capitalista. A otimização da produção voltada para a contínua valorização do valor impõe o movimento dos indivíduos em torno do consumo das mercadorias, e tenta aniquilar as formas plurais de relação com a natureza que resistem e a contradizem. Constrói-se um senso comum para o qual a única sociabilidade possível é aquela em que o direito à propriedade privada se sobrepõe ao direito de existir.

Em suma, para manter o seu domínio, o sistema não pode parar e depende de nosso engajamento automático e pouco consciente sobre seu funcionamento, de modo que, quanto mais nos aproximamos da superfície da sociedade burguesa, mais perdemos o nexo entre a atividade vital humana e a produção das condições materiais de vida. Atribuímos o controle sobre nossas formas de ser e de existir no mundo a forças estranhas e ocultas e, neste processo, perdemos de vista que fomos nós que engendramos as forças que agora nos submetem.

Contudo, conforme já foi apontado, o poder do capital sobre o alcance da consciência humana não é irrestrito. A exposição de seu núcleo contraditório e, portanto, de sua tendência intrínseca a negar sua própria definição, confirma a assertiva marxiana de que “a humanidade só se propõe as tarefas que pode resolver, pois, [...] a própria tarefa só aparece onde as condições materiais de sua solução já existem, ou, pelo menos, são captadas no processo de seu devir” (MARX, 1974, p. 136). Os antagonismos viscerais da sociedade burguesa, falseados em sua superfície harmônica, representam fendas que abrem espaço para a humanidade assumir o protagonismo de sua própria história, ou seja, revelam as vulnerabilidades inerentes

a este sistema as quais possibilitam sua superação pela organização coletiva da atividade humana (MARX, 2011). Portanto, a teoria da subjetividade que venha a contribuir com esta empreitada deve, necessariamente, compreender a consciência humana como produto sócio-histórico e, da mesma forma, admitir sua potencialidade de transformar as próprias condições objetivas que a constituíram.

### ***A psicanálise como mística da ideologia burguesa***

À luz das considerações apresentadas, defende-se que uma psicologia científica (marxista) deve ter como eixo central a análise crítica de como se constrói a subjetividade na sociedade produtora de mercadorias. Se esse não for o ponto de partida, as conclusões teóricas tenderão a naturalizar um funcionamento que é historicamente datado. Nesse sentido, a psicanálise, a qual desde sua origem pautou-se nos “limites da cultura burguesa literária e médica” (POLITZER, 2022, p. 325), apresenta restrições que não podem ser ignoradas para realizar esta tarefa. Dado que seus pressupostos tendem a tomar como referência a superfície das práticas sociais capitalistas, as quais distorcem e invertem o sentido dos fenômenos, sua compreensão de sujeito incorpora como inerentes à natureza humana elementos que sustentam a lógica fetichista do capital.

Em seu ensaio intitulado *Uma dificuldade da Psicanálise*, Freud afirma que sua teoria representa uma afronta psicológica ao amor-próprio humano ao instituir “dois esclarecimentos, de que a vida instintual da sexualidade não pode ser inteiramente domada em nós, e de que os processos mentais são inconscientes em si e apenas acessíveis e submetidos ao Eu através de uma percepção incompleta e suspeita, [que] equivalem à afirmação de que o *Eu não é senhor em sua própria casa*” (FREUD, 2010b, p.186, grifos do autor). Portanto, a psicanálise tem como premissa central a suposta revelação dos limites da racionalidade humana ao estabelecer que a psique é regida por forças inconscientes, de modo que “nossa experiência cotidiana mais pessoal nos familiariza com pensamentos espontâneos cuja origem não conhecemos, e com resultados intelectuais cuja elaboração permanece oculta para nós” (FREUD, 2010a, p.75-76). De acordo com os pressupostos dessa teoria, os quais asseveram que “tanto em pessoas sadias como em doentes verificam-se com frequência atos psíquicos que pressupõem, para sua explicação, outros atos, de que a consciência não dá testemunho” (FREUD, 2010a, p.75), parte da psique humana opera alheia ao conhecimento do próprio sujeito.

À luz da análise materialista histórico-dialética desse enunciado, pode-se depreender que a irracionalidade imanente à lógica do sistema capitalista é compreendida pela psicanálise como atributo intrínseco à condição humana. Ou seja, o caráter irracional do modo de produção burguês – cujo funcionamento redundava na negação dos pressupostos que o sustentam –, bem como as forças destruidoras e autodestrutivas que o movimentam, são entendidos como inerentes à psique humana, às pulsões, aos desejos alheios à consciência que regem as formas de ser e de agir no mundo. Portanto, o limite da compreensão dos indivíduos sobre os determinantes das relações sociais de produção que os submetem se transfere para o desconhecimento de conteúdos internos aos sujeitos, sendo representado pelo inconsciente como uma entidade enigmática que os domina.

Nessa direção, Politzer (2022, p. 326), assevera que a psicanálise projeta um mundo mitológico e nele representa conflitos entre instâncias que não têm respaldo na realidade objetiva, de modo que a própria luta de classes “é conduzida ao conflito ideal das instâncias psicanalíticas”. A passagem a seguir corrobora essa assertiva, em que Freud (2010b, p.185) enfatiza que um dos trunfos da psicanálise é que ela “pode enfim dizer ao Eu: ‘Nada estranho se introduziu em você; uma parte de sua própria psique furtou-se ao seu conhecimento e ao domínio de sua vontade. Por isso é tão fraca a sua defesa; uma parte de sua força luta contra a outra parte, você não pode reunir toda a sua força, como se lutasse contra um inimigo externo’”. Dessa forma, os construtos mentais que, segundo a teoria psicanalítica, constituem e organizam o aparelho psíquico, reproduzem a premissa fetichista que edifica a sociedade do capital ao atribuírem a forças ocultas o controle sobre a subjetividade humana. Estas formas se autonomizam, assumem roupagens quase místicas, e a categoria consciência se descola das relações sociais de produção que a determinam, servindo às inversões e falseamentos que sustentam a ordem social burguesa.

Novamente concordamos com Politzer (2022, p. 47) quando ele aponta que “a ideologia da burguesia não estaria completa se não tivesse encontrado a sua mística. Após diversas tentativas ela parece ter, enfim, encontrado essa mística: na vida interior da psicologia”. Assim sendo, o caráter místico das categorias psicanalíticas transfere as contradições advindas da ordem social capitalista para conflitos supostamente inerentes à vida interior dos sujeitos. Portanto, essas categorias servem aos interesses ideológicos das elites dominantes de generalizar e impor sua perspectiva de classe, atuando hegemonicamente como mais um instrumento do consenso burguês. Isso porque a narrativa mística é bastante apelativa, uma vez que, em grande medida, somos regidos por forças ocultas e incompreensíveis na superfície da sociedade burguesa. Contudo, de acordo com os pressupostos do materialismo histórico-dialético, entende-se que essas forças não são inerentes à natureza humana. Pelo contrário, são resultado da sociabilidade no modo de produção capitalista, o qual precisa ocultar as contradições dos fios invisíveis que o movimentam e que submetem as pessoas ao imperativo da valorização do valor. A reprodução desse enunciado enigmático sobre a natureza humana nubla a necessidade de compreendermos o núcleo contraditório da sociedade do capital - imperceptível em sua apresentação imediata -, enterrando os caminhos na direção da superação da ordem social burguesa.

Ademais, a inviabilidade da complementação entre psicanálise e marxismo fica explícita no fato de que “os freudianos movem-se no mesmo domínio que os marxistas, uma vez que existe uma sociologia psicanalítica e uma vez que deve haver uma concepção materialista da psicologia” (POLITZER, 2022, p. 331). Ou seja, a compreensão de sociedade posta na teoria psicanalítica é inconciliável com a teoria marxiana, a qual, conforme colocamos, vai além de um estudo limitado às categorias econômicas ao revelar que o capital como relação social dominante impacta na formação de uma dada sociabilidade subjugada à lógica da troca de mercadorias. Podemos verificar tal incompatibilidade na assertiva de Freud (2011, p.222) sobre o processo civilizatório: “a civilização se baseia na renúncia instintual, e cada indivíduo, em seu caminho da infância à maturidade, repete em sua própria pessoa esse desenvolvimento da humanidade rumo a uma sensata resignação”. Confinada em uma visão de mundo a qual não questiona a apresentação invertida e anistórica da ordem burguesa, a psicanálise entende o mal-estar que caracteriza a sociedade capitalista como

inerente ao processo civilizatório, naturalizando a incompatibilidade entre os interesses individuais e coletivos e, sobretudo, eternizando as mazelas do modo de produção capitalista ao compreendê-las como próprias à condição humana (TULESKI, 2004). Destarte, nas categorias psicanalíticas as conformações específicas da constituição do ser humano na sociedade do capital são universalizadas e eternizadas, contradizendo os fundamentos mais elementares do materialismo histórico-dialético sobre a construção histórica da consciência.

### ***Em defesa de uma psicologia materialista histórico-dialética***

Vigotski (1991) já havia assinalado importantes considerações sobre os limites da ciência psicológica burguesa, cujo ecletismo metodológico redundou em conclusões fragmentadas e insuficientes sobre a subjetividade humana. A psicanálise, assim como as demais teorias psicológicas burguesas, compreende o ser humano de forma incompleta porque seu olhar está cerceado pelas lentes da ciência subjugada ao capital, de modo que suas bases teórico-metodológicas esbarram em entraves intransponíveis para a compreensão da realidade - e, portanto, da subjetividade humana - em suas múltiplas determinações. Tais entraves se devem ao fato de essas teorias servirem à perpetuação de uma ordem social cuja sobrevivência não pode conceber a contradição, o movimento, a transcendência, o vir-a-ser, exatamente porque ela depende do ocultamento de sua finitude. Nesse sentido, a psicanálise atua como a mística da ideologia burguesa porque restringe sua compreensão de mundo à apresentação encantada e invertida do capital e, dessa forma, reduz a complexidade da subjetividade humana à aparência constricta que ela assume nos limites da superfície da ordem social capitalista.

Destarte, as considerações aqui desenvolvidas buscam contribuir para ratificar o caráter incontornável das barreiras epistemológicas que obstruem a complementação entre a psicanálise e o marxismo. Dado que a teoria marxiana busca, em última instância, a superação da sociedade burguesa, não pode se abster da defesa do ser humano como um ser histórico, tampouco apoiar-se em uma teoria psicológica cujas categorias naturalizam a apresentação fetichizada do capital e ignoram as contradições essenciais que sustentam e fragilizam as relações de dominação na sociedade capitalista.

Por fim, cabe-nos questionar a tendência de uma parcela relevante do campo marxista em adotar uma teoria psicológica cujas premissas perdem de vista a construção histórica da subjetividade humana na sociedade do capital. Tal questionamento ganha maior relevância quando consideramos que a crítica às teorias psicológicas burguesas, travada por importantes representantes do marxismo ao longo do século XX, teve como um de seus desdobramentos a construção de uma psicologia edificada sobre os eixos epistemológicos marxianos. Ou seja, uma teoria psicológica que tem na compreensão da natureza social do psiquismo consciente em suas contradições fundamentais as ferramentas para compreender a construção da subjetividade humana na ordem social capitalista; assim como sua transformação no devir da abolição da sociedade de classes (VIGOTSKI, 1930).

### ***Referências:***

- COUTINHO, C. N. **O estruturalismo e a miséria da razão**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- DUNKER, C. et al. (org.). **Marxismo, psicanálise e revolução**. São Paulo: Lavrapalavra, 2022.
- FREUD, S. O inconsciente (1915). Trad. P. C. de Souza. In S. Freud [Autor], **Obras completas**, v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. Disponível em:  
<https://joocamillopenna.files.wordpress.com/2016/04/freud-o-inconsciente.pdf>
- FREUD, S. Uma dificuldade da psicanálise. Trad. P. C. de Souza. In S. Freud [Autor], **Obras completas**, v. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. Disponível em:  
<https://joocamillopenna.files.wordpress.com/2013/10/freud-obras-completas-vol-14-1917-1920.pdf>
- FREUD, S. Resumo da psicanálise. Trad. P. C. de Souza. In S. Freud [Autor], **Obras completas**, v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Disponível em:  
<https://joocamillopenna.files.wordpress.com/2013/10/freud-obras-completas-vol-16-1923-1925.pdf>
- GRESPLAN, J. **O negativo do capital**: o conceito de crise na crítica de Marx à economia política. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- GRESPLAN, J. **Marx e a crítica do modo de representação capitalista**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- KONDER, L. Ideologia e psicanálise. In: Konder, L. **A questão da ideologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2020. p. 211-223.
- MARX, K. Contribuição à Crítica da Economia Política. In: **Manuscritos Econômico-Filosóficos e Outros Textos Escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. p. 107-138. (Os Pensadores, v. XXXV)
- MARX, K. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, K. **O capital**: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. Tradução de R. Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017a.
- MARX, K. **O capital**: crítica da economia política: livro III: o processo global da produção capitalista. Tradução de R. Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017b.
- MARX, K. **Últimos escritos econômicos**: anotações de 1879-1882. Tradução de H. Pinheiro. São Paulo: Boitempo, 2020.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução de R. Enderle, N. Schneider, L. C. Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.
- PINHEIRO, H. **O positivo do capital**: o materialismo das formas socioeconômicas na crítica da economia política de Karl Marx. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Campinas, SP, 2020.
- POLITZER, G. **Crítica dos fundamentos da psicologia e outros escritos**. São Paulo: Lavrapalavra, 2022.
- SÈVE, L. et al. **Para uma crítica marxista da teoria psicanalítica**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.
- STOLIAROV, A. O freudismo e os freudo-marxistas. **Princípios**, São Paulo, n. 8, p. 31-37, 1984.
- TULESKI, S. C. Reflexões sobre a gênese da psicologia científica. In.: Duarte, N. (org.). **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- VIGOTSKI, L. S. El significado histórico de la crisis de la Psicología. In: Vigotski, L. S. **Obras escogidas** (Tomo I). Madrid: Visor, 1991.
- VIGOTSKI, L.S. A transformação socialista do homem. **Varnitso**, 3, p. 36-44, 1930. Disponível em:  
<[http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/01072013\\_a\\_transformacao\\_socialista\\_dos\\_homens.pdf](http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/01072013_a_transformacao_socialista_dos_homens.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas** (Tomo III). Madrid: Visor, 1995.
- VIGOTSKI, L. S. **Pensamiento y habla**. Tradução de A. González. Buenos Aires: Colihue, 2012.

---

**Notas**

<sup>1</sup>Psicóloga, Doutora em Educação Escolar. Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Concreta (GEPCO). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8840545194207218>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8388-0036>. E-mail: [larissa.bulhoes@ufla.br](mailto:larissa.bulhoes@ufla.br).

<sup>2</sup>Psicólogo, Doutor em Educação Escolar. Professor do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Concreta (GEPCO). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0290204428458868>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1498-7670>. E-mail: [marcio.dasilva@ufla.br](mailto:marcio.dasilva@ufla.br).

Recebido em: 16 de fev. 2023

Aprovado em: 19 de mar. 2023